

Parte I. AS TEORIAS

Guerras, meios de comunicação, cibernética

1. Máquinas de comunicação social, conflito ideológico e guerra

O século XX foi marcado por dois grandes acontecimentos simultâneos: o despertar do Ocidente para a alternativa socialista, marcado pela *eclosão da Revolução Russa*, em 1917, cuja propaganda estimulava a realização da revolução em outros países e a conseqüente reação das classes médias, que criaram movimentos fascistas para fazer frente ao avanço do socialismo. Deste primeiro grande acontecimento resultou a Segunda Guerra Mundial. Não obstante, a rivalidade entre capitalismo e socialismo sobreviveu em tempos de Guerra Fria, dessa vez incorporada pelas grandes potências mundiais. O segundo grande fato importante foram os resultados da segunda revolução industrial, especialmente as *invenções associadas à percepção humana*: a fotografia, a gravação dos sons, das cenas em movimento, a multiplicação de veículos de comunicação de massa e a constituição da sociedade mediatizada.

Esses dois grandes acontecimentos, contudo, não ocorreram de forma isolada. Eles se misturaram em suas iniciativas, tanto de socialistas quanto de empresários capitalistas – estes últimos, geralmente identificados com o ideário das classes médias e dos fascistas –, nas articulações para dominação e aumento de seu poder. A comunicação de massa, ampliando espetacularmente sua penetração nas camadas urbanas a partir dos anos 1920, começou a preocupar países, pensadores e pesquisadores, gerando toda uma gama de estudos que buscavam dar conta do novo fenômeno social que se ampliava assustadoramente: a conquista das massas pela consciência.

Harold Lasswell, cientista político norte-americano, estudou, em 1926, as propagandas americana, francesa e alemã na Primeira Guerra Mundial. Para ele, mediante um modelo bastante simples de estímulo-resposta, as mensagens da comunicação de massa entrariam rapidamente na mente



Harold Dwight Lasswell, cientista político e teórico da comunicação (Illinois, EUA, 1902 – Nova Iorque, EUA, 1978)

das pessoas sem encontrar resistência e lá firmariam posições e opiniões (teoria da agulha hipodérmica ou bala mágica).

Assim se manifestou o pensador alemão Max Horkheimer, na época:

Nós testemunhamos uma mudança que torna os homens meros centros passivos de reação, sujeitos a “reflexos condicionados”, pois não dispõem mais de centros de espontaneidade, nenhuma medida obrigatória de comportamento, nada que transcenda suas vontades, necessidades ou desejos mais imediatos.

E a repercussão disso não se viu apenas na comunicação de massas, mas também na propaganda política, em que os articuladores fascistas foram mais hábeis que os comunistas. Estes últimos, ainda presos a um modelo de proselitismo clássico, apoiado em lógicas e razões teóricas, perdiam progressivamente a competição para os fascistas, que não trabalhavam com a razão mas com as armas da emoção e da sedução.

Eu estava, certa vez, no Palácio do Esporte, era um pouco antes da vitória de Hitler, quando dois propagandistas falaram, um comunista e um nazista. Entre os dois, houve uma disputa cavalheiresca, de quem deveria falar primeiro. O nazista, (aparentemente) gentil, pediu ao comunista que falasse antes, fato que este sentiu como distinção, o idiota. E começou a falar. Aí, veio tudo aquilo: a contradição principal, a taxa média de lucro, as partes mais complicadas d'*O Capital* e cada vez mais cifras. Os assistentes não o entendiam e o ouviam muito entediados. O aplauso foi regular, um pouco mais que fraco. Então, aparece o nazista, que fala de início muito gentilmente: “Eu agradeço ao senhor orador precedente pelas suas explicações lúcidas e pelas explicações – para a maioria daqui – não tão lúcidas. E disso os senhores já podem ter aprendido algo, antes que eu começasse a falar. O que os senhores fazem pertencendo à classe média, à baixa classe média, quando trabalham em escritórios, por exemplo, como contadores e contadoras, o que os senhores fazem o dia inteiro? Os senhores escrevem números, somam, subtraem etc. E o que os senhores ouviram hoje do senhor orador precedente? Números, números e nada mais

que números. De tal forma, que a frase de nosso Führer encontrou uma nova confirmação, do lado inesperado: comunismo e capitalismo são dois lados de uma mesma moeda.” Daí, uma pausa bem estudada. Quando o discurso terminou – foi relativamente longo – o homem esticou-se, o fez imitando Hitler, lançou o braço de uma vez para cima e gritou em voz bem alta, lentamente, para o público: “Eu, porém, falo a vocês com a mais alta incumbência!”. O circuito fechou-se rapidamente: era a passagem para Hitler. (Ernst Bloch)

O fascismo ganhou amplo apoio popular. Havia entusiasmo, animação, uma poderosa corrente emocional que conseguiu drenar contingentes inteiros de trabalhadores socialistas para seu campo. O movimento havia criado um outro tipo de socialismo, um socialismo “nacional” ou nacionalista, que se usava da conotação positiva que tinha o termo ‘socialismo’, na época, especialmente diante da classe trabalhadora, mas enxertava nele um ideário segregacionista, revanchista e belicista e uma expectativa de recuperação do emprego e da economia a partir do investimento na máquina de guerra.

O socialismo, ao contrário, sempre manteve um caráter conservador, especialmente quando se tratava de temas que envolviam a cultura. Eminentemente pensadores acabaram por ser expulsos do partido comunista alemão por criticarem os equívocos da política da esquerda, que só pensava em números e teorias e ignorava o verdadeiro lugar onde se enraizava o pensamento burguês: no lazer, no consumo, na vida privada. “Vocês estão errados”, dizia W. Reich, pois

O conteúdo de consciência de classe das massas constava do interesse pela alimentação, vestuário, moda, relações familiares, possibilidade de satisfação sexual em amplo sentido, com o cinema, o teatro, as lojas, os parques e a dança, e, mais além, constava dos problemas de educação de crianças, dos objetos de decoração, da extensão e da organização do lazer. (Wilhelm Reich).

Embebidos pela cultura do *glamour*, dos folhetins semanais, da realização em Terra das delícias prometidas do Paraíso, as classes médias urbanas, assim como o empresariado europeu, apoiaram – ou, pelo menos, toleraram – o avanço fascista. A guerra, contudo, trouxe-os de volta ao “mundo real”, despertando-os da ilusão mágica que propalavam os regimes fascistas. Com a destruição do país, a festa havia acabado.



SUGESTÕES AO PROFESSOR

- Discutir em classe quais foram os grandes acontecimentos do século XX.
- Que relação pode ser estabelecida entre expansão dos meios de comunicação (jornais, emissões de rádio, revistas ilustradas, cinema) e a mudança das campanhas políticas na época?
- Discutir até que ponto os meios de comunicação podem, de fato, fazer a cabeça das pessoas. É possível resistir a eles? Com que armas?
- Os nazistas diziam que capitalismo e comunismo são a mesma coisa. Você concorda?
- O que você acha do entusiasmo popular pelo nazismo? Seria ingenuidade, desesperança, fé cega? Poderia isso voltar a ocorrer hoje em dia?



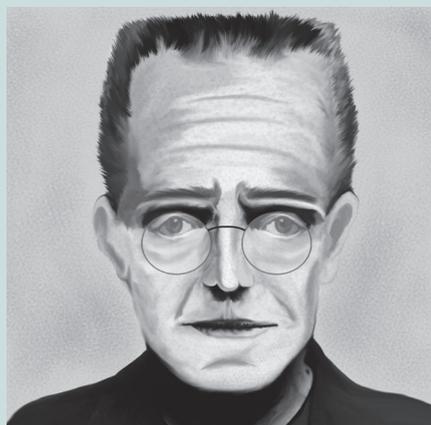
LEITURAS E FILMES RECOMENDADOS

TCHAKHOTINE, Serge. *A mistificação de massas pela propaganda política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

REICH, Wilhelm. *Psicologia de massas do fascismo*. 3. ed. São Paulo: Martins, 2001.

LASSWELL, Harold D. *Propaganda Technique in the World War*. New York: Peter Smith, 1927. Reeditado com o título: *Propaganda technique in World War I*. Cambridge Mass.: MIT Press, 1971).

Filmes: *Cabaret* (Bob Fosse, 1972); *Noite e Neblina* (Alain Resnais, 1955); *Encouraçado Potemkin* (Sergei Eisenstein, 1925).



Karl Kraus, dramaturgo, ensaísta, aforista e poeta (Jičín, República Checa, 1874 – Viena, Áustria, 1936)

Texto complementar

Viena, 1913-1914. A imprensa monopolista austríaca faz propaganda ostensiva em favor da guerra. Para o crítico **Karl Kraus**, ela foi a organização da irresponsabilidade moral e espiritual da sociedade, fazendo o leitor tornar-se congruente com ela, com esse jornalismo que produzia “massas sem sujeito, hordas, criaturas que não conseguiam imaginar, pensar e agir de forma autônoma”. Já naquela época, jornais e revistas martelavam clichês, frases prontas, preconceitos, fazendo as pessoas perderem a capacidade de imaginar, dizia ele. Nos Estados Unidos, na mesma época, a imprensa fazia a opinião pública virar de “contra a

guerra” para “a favor da guerra”, no dizer de Harold Lasswell. Quanto menor o vínculo que as pessoas possuíam, tanto maior o poder dos meios de comunicação, pois estes empregavam principalmente apelos emocionais.

A guerra aconteceu. Em 1918, a Alemanha perdeu muitos territórios, o império austro-húngaro esfacelou-se. Mas permaneceu o gosto amargo do revanchismo no povo alemão, o desejo de revidar as perdas e de recuperar os territórios. Nos anos 1920, voltam a imprensa alemã e a imprensa austríaca a instigar a população. Promovem excursões aos túmulos e visitas aos campos de batalha – “é preciso uma nova guerra”, diziam. O massacre da opinião pública com mensagens a favor da nova guerra retorna com mais vitalidade. A imprensa enaltece o nazismo, que ninguém imaginava como seria, e neutraliza o terror, usando ironias e frases sistematicamente repetidas.

Como terei eu tempo de não ler tanta coisa? (Karl Kraus)

1930. A imprensa, maior meio de comunicação de massa da época, valoriza os nazistas, o exército exige recuperação das perdas; pacifistas são ridicularizados, os dez milhões de vítimas da Primeira Guerra Mundial são tratados com escárnio.

*O objetivo da imprensa não é informar coisa alguma,
transmitir fatos claros e objetivos, senão incitar, estimular, mover.
Para nós, a imprensa é propaganda com meios jornalísticos.
Para nós, a imprensa tem a tarefa de ganhar
as amplas massas populares para o nacional-socialismo.
(Josef Goebbels, ministro da propaganda do governo nazista).*

Os estudos da comunicação usada como arma política pelos poderes estabelecidos iniciam-se aí. Harold Lasswell, Paul Lazarsfeld e Max Horkheimer são os primeiros pesquisadores preocupados e incomodados com esse novo espectro que assolava a Europa e os Estados Unidos. Lasswell pertenceu à Escola de Chicago. Dos outros dois, irão derivar, nas décadas seguintes, respectivamente, as escolas de Colúmbia e de Frankfurt.

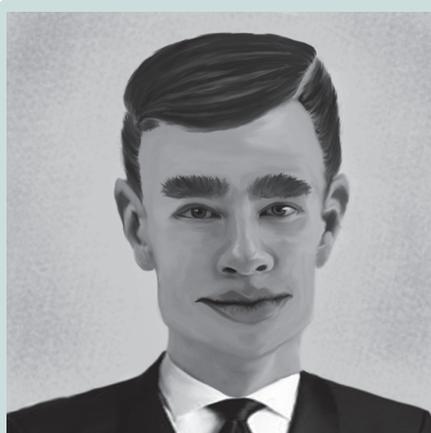
É aqui que se iniciam os estudos de comunicação propriamente ditos. Essas três escolas, aliadas à Escola de Moscou, vão constituir o tronco de onde surgirão as ramificações que até hoje são estudadas em cursos de comunicação.

2. O pós-guerra, a cibernética e a internet

O movimento fascista (1933-1945) era um movimento assumidamente estagnador, avesso à expansão criativa do espírito humano e ligado às correntes ideológicas que queriam fazer a roda da história girar para trás. Ele expurgou do continente europeu milhares de cientistas, pesquisadores, filósofos, escritores e artistas.

Digno de menção é talvez o fato de que existiu na Califórnia um grupo que certamente entrará na história intelectual alemã como “A outra Alemanha”... se é que isto já não está acontecendo hoje. Próximo à casa de Marcuse, onde morei durante minha estada na Califórnia, vivia Brecht. Algumas ruas além vivia Eisler. Não muito longe Thomas Mann e (não junto com o irmão) Heinrich Mann. Schönberg vivia, se não me engano, em Westwood. Num bairro elegante, Horkheimer. In Hollywood, Döblin. E Adorno. Etc. etc. Às vezes as pessoas se reuniam para filosofar. Não é absurdo que existisse no Oceano Pacífico tal grupo discutindo política, sociologia e filosofia, enquanto na Europa Hitler enraivecia e queimava até às cinzas milhões de pessoas? (Günther Anders)

A expulsão de cientistas ou a pressão para que abandonassem o solo europeu valeu aos alemães a perda da guerra, pois, financiados pelos norte-americanos, um grande número de cientistas europeus instalou-se em solo estadunidense e lá desenvolveu as armas de destruição dos fascismos e do nazismo.



Alan Mathison Turing, matemático, lógico, criptoanalista e cientista da computação (Londres, Reino Unido, 1912 – Wilmslow, Reino Unido, 1954)

A Segunda Guerra Mundial significou a derrocada da Alemanha, da Itália e do Japão, o “Eixo”, que pretendia controlar o planeta estendendo sua dominação e seu império para territórios vizinhos. O primeiro desmantelamento do poder alemão ocorreu com **Alan Turing**, matemático inglês que decifrou o sistema nazista de envio de mensagens do quartel-general ao *front*, com a máquina Enigma. As mensagens dessa máquina, espécie de computador embrionário, eram praticamente impossíveis de serem descobertas pelo inimigo..



O sistema da Enigma era composto de duas máquinas, uma emissora, dotada de uma chave lógica, onde era introduzida uma mensagem simples, datilografada, que era imediatamente embaralhada por três rotores elétricos (às vezes chegavam até dez), segundo essa mesma chave, e em seguida, transmitida. Outra máquina, no extremo oposto, recebia a mensagem pela mesma chave e a decodificava. Os rotores que embaralhavam as frases trabalhavam com bilhões de combinações, tornando impossível ao inimigo detectar o conteúdo. Diariamente saíam milhares dessas mensagens e a chave era mudada três vezes ao dia.

Alan Turing passou também pelos Estados Unidos onde teve contato com os pioneiros na ciência da computação: John von Neumann, Norbert Wiener e Claude Shannon.

Criava-se a cibernética, ciência voltada para a produção de máquinas não triviais, quer dizer, aparelhos capazes de gerar respostas próprias às questões colocadas pelo seu usuário. Essa qualidade “inteligente” distinguiu os aparatos que passaram a ser criados, de todos os demais equipamentos técnicos, cuja operação se baseava simplesmente em receber ordens e cumpri-las. Os equipamentos desenvolvidos pela cibernética, ao contrário, traziam respostas novas, muitas vezes imprevistas aos seus próprios idealizadores ou ao governo norte-americano.

Mas, do ponto de vista da comunicação, mais importante foi a segunda geração de cientistas e pesquisadores da cibernética, especialmente o biofísico austríaco Heinz von Foerster, o biólogo chileno Humberto Maturana e o antropólogo inglês Gregory Bateson. Eles e dezenas de outros especialistas (psicólogos, psiquiatras, antropólogos, biólogos, biofísicos, engenheiros) reuniram-se entre meados de 1940 e 1950, nos Estados Unidos, nas Conferências de Macy, para discutir a mente humana. Essas discussões estimularam a pesquisa da inteligência artificial mas, de forma correlata, expandiram as noções de como nós nos comunicamos e se é que, de fato, isso pode ocorrer.



SUGESTÕES AO PROFESSOR

- Os alemães expulsaram de seu país cientistas, pesquisadores, estudiosos em geral. Que peso você acha que isso teve na derrota militar deles?
- Pode-se dizer que se o desenvolvimento da máquina Enigma tivesse ocorrido na Alemanha, ela teria chegado na frente na competição pela tecnologia informática?
- Discuta a diferença entre máquinas triviais e máquinas não triviais.
- A inteligência artificial é equivalente à inteligência humana? Em que ela é superior e em que ela é inferior. Discuta.
- A segunda geração da cibernética introduz o observador como objeto de estudo. Antes, a ciência o considerava “elemento neutro na pesquisa”. Pode um pesquisador interferir no resultado de seu experimento?



LEITURAS E FILMES RECOMENDADOS

SFEZ, Lucien. *Crítica da comunicação*. São Paulo: Loyola, 1994.

STRATHERN, Paul. *Turing e o computador em 90 minutos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

MARCONDES FILHO, Ciro. *O princípio da razão durante: o círculo cibernético. O observador e a subjetividade*. São Paulo: Paulus, 2011. (Nova Teoria da Comunicação III, Tomo III).

MARCONDES FILHO, Ciro. *O rosto e a máquina*. São Paulo: Paulus, 2013.

Texto Complementar

No início do conflito da Coreia, 1950, o General McArthur sugeriu medidas cuja execução, de certa forma, poderia ter detonado a terceira guerra mundial. E igualmente lhe foi subtraída a decisão de aplicar ou não “ousar” aplicar essas medidas. Quem lhe tirou das mãos essa decisão não foram pessoas, para elas próprias decidirem ou para encarregar outros mais competentes, política, econômica ou moralmente; a responsabilidade da decisão foi transferida a um aparelho, como última instância, a um “cérebro elétrico”. Deu-se “alimento” a essa máquina-oráculo, quer dizer, dados relativos à economia americana e à do inimigo. É certo que o ponto de vista do qual ela opera é ajustado antecipadamente e permanece fixo de uma vez por todas. Assim, “alimentou-se” a máquina exclusivamente com tais dados, que não fazem qualquer resistência à quantificação, que trabalham com usos e prejuízos, lucros e não lucros da guerra, o que, naturalmente, teria como consequência, por exemplo, a destruição de vidas humanas ou a devastação de territórios por motivos de higiene e que, sem dúvida, somente poderiam ser empregados e avaliados mediante critérios de ganho e perda. Ninguém perguntou ao cérebro elétrico, por exemplo, se aquela guerra seria justa ou injusta. As pessoas teriam se envergonhado de servir-lhe tal alimento, pois era de se prever que a máquina, na sua insubornável objetividade de objeto, teria recusado tal

ração subjetivo-sentimental, ou teria igualmente rejeitado se se tentasse introduzir em sua boca oracular tal coisa com violência; ela iria responder com uma oclusão intestinal elétrica... O fato de o “brain” ter soltado uma resposta após alguns segundos de profunda reflexão elétrica ou digestão elétrica, que, por acaso, foi mais humana que predecisões apresentadas pelo homem McArthur, o fato de ela ter berrado um sonoro “negócio de perdas!”, que a guerra eventual poderia ser catastrófica para a economia americana, foi certamente uma grande sorte. E, ao mesmo tempo – já que sua boca, na nossa era atômica, funcionou como o oráculo –, a felicidade da humanidade. Mas o processo como tal representou, por outro lado, a mais atual derrota jamais foi sofrida pela humanidade. Pois, em tempo algum ela se humilhou tanto, ao confiar a um objeto a sentença sobre sua história, talvez sobre seu ser ou não ser. O fato de a sentença ter sido proferida dessa vez como veto, como graça, não melhora em nada a questão: mesmo assim foi uma sentença de morte, pois a fonte da possível misericórdia foi transferida a uma coisa, exatamente por isso. (Günther Anders)¹

¹ ANDERS, Günther. *O antiquismo do homem*. Sobre a alma na segunda revolução industrial. 7. ed. Munique: Beck, 1994, v. 1, p. 62. (Tradução nossa).